



SISTEMATIZAÇÃO UNITAS AGROECOLÓGICA: VIVÊNCIAS, COOPERAÇÃO E PRÁXIS NO CERRADO TOCANTINENSE

Unitas agroecology systematization: experience, cooperation and praxis in the
Tocantins's Cerrado

**Jaqueline Ferreira Sousa¹, Maria Aparecida Rocha Medina², Conceição Aparecida Previero³,
Maria de Fátima Rocha Medina⁴**

RESUMO

Desde 2015, o barco da sistematização tem pairado no rio Tocantins a fim de refletir e sistematizar as experiências da Unitas Agroecológica, bem como identificar lições para ampliação da agroecologia no Brasil. A atmosfera dos eventos foi de resistência e esperança. Cursos, oficinas, palestras, visitas e caravana se tornaram espaços de aprendizagens, trocas e aproximação entre agricultores (as), técnicos (as), professores (as), estudantes, associações e instituições. Nos encontros, os acordes dos instrumentos musicais nos deram a certeza de que o conhecimento empírico não desafina com o conhecimento científico. A necessidade de socialização das experiências, em rede, foi despertada pelo projeto de sistematização dos núcleos de agroecologia, cujo objetivo foi fortalecer os processos de construção participativa e socialização de conhecimentos agroecológicos. Dessa maneira, os resultados evidenciam que o resgate da memória afetiva permite muito mais do que “juntar os cacos”.

Palavras-chave: Socialização, Histórias, Experiências.

ABSTRACT

Since 2015, the boat of systematization had hovered in the Tocantins River to reflect and systematize the experiences of Unitas agroecology, as well as to identify lessons for enlargement of agroecology in Brazil. The events atmosphere was from resistance to hope. Courses, workshops, lectures, visits, trips had become learning spaces, exchanges and approximation with agriculture's, technicians, teachers, students, associations and institutions. In the meetings the musical notes gave us the certainty that the empirical knowledge doesn't detune with scientific knowledge. The need of socialization experiences in network was awakened with the project of Agroecology Systematization Center with the objective of strengthen the construction participation and socialization of agroecology knowledges. Therefore, the results showed that the rescue of affective memory allows much more than gathering scraps.

Keywords: Socialization, Stories, Experiences.

¹ Bacharela em Direito. Mestranda em Direito Agroambiental na Universidade Federal do Mato Grosso. E-mail: jsousadireito@gmail.com

² Mestre em Ciências do Ambiente. Professora do Centro Universitário Luterano de Palmas. E-mail: cidinamedina@ceulp.edu.br

³ Bióloga. Doutora em Pós-Colheita de Produtos Agrícolas. Coordenadora de Pesquisa e da Unitas Agroecológica do Centro Universitário Luterano de Palmas. E-mail: previero@ceulp.edu.br

⁴ Doutora em Filologia Hispânica. Professora do Centro Universitário Luterano de Palmas. E-mail: medinafatima@ceulp.edu.br

Recebido em:
14/08/2017

Aceito para publicação em:
22/12/2017

Correspondência para:
jsousadireito@gmail.com

RECONSTRUÇÃO HISTÓRICA: RIO DO TEMPO

“A sistematização renasceu o sonho no coração do agricultor”
Ismael Gomes Boaventura – agricultor.

O processo de sistematização na área da agroecologia no Tocantins foi um percorrer caminhos com esperança. Contar as experiências agroecológicas do Núcleo de Estudo em Agroecologia Unitas Agroecológica (NEA Unitas) não é uma tarefa fácil, pois envolve a história de agricultores tocantinenses, iniciada, formalmente, em 1988, com a divisão do Estado de Goiás. Uma gente sofrida, porém, resiliente, que mantém saberes e fazeres herdados dos antepassados.

Para o NEA Unitas é, sem dúvida, uma satisfação ser espaço de socialização de vivências de agricultores familiares, camponeses, extrativistas, ribeirinhos, assentados da reforma agrária, representantes de comunidades locais/tradicionais, estudantes, professores e técnicos.

A agroecologia, enraizada na agricultura, principal atividade do Estado do Tocantins, faz parte da história de agricultores que enxergam a terra como mãe e, por isso, procuram melhores formas de produção sem agredir os recursos naturais. A sensibilização para a causa eclodiu na década de 90 no Estado do Tocantins, com os momentos de formação a respeito de agricultura sustentável, tais como o curso básico de olericultura na Comunidade Matinha, em 1996, e o curso sobre sistema agroflorestal em Araguatins (1998). Houve transição de diversos agricultores do Tocantins, partindo do modelo convencional para o sistema agroecológico. Em 2001, além da realização de curso sobre sistema agroflorestal, com o pesquisador Ernst Götsch, a agroecologia foi apresentada no Bico do Papagaio-TO como proposta de desenvolvimento regional.

A trajetória agroecológica do Tocantins alavancou-se com formação sobre produção sustentável, quando agricultores e profissionais do segmento participaram de eventos de extensão e assistência técnica, como o minicurso de produção de cajuína, em 2004; curso de formação em assistência técnica e extensão rural e primeiro encontro das mulheres agroextrativistas com as mulheres do Parque Estadual do Cantão, Caseara-TO, em 2008; e elaboração do Plano de sociobiodiversidade, em 2009.

Na sequência, agricultores começaram a participar da seleção de editais do governo federal relacionados à agroecologia, em 2010. A partir de então, a discussão acerca da agroecologia no Tocantins passou a ser inserida no contexto político-social. Em espaços de demandas de agricultores, que clamavam por respeito às dadas da natureza, surgiu a Unitas Agroecológica, no berço de instituição privada, o Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP-ULBRA). Essa ferramenta política foi resultado da execução de projetos aprovados junto aos editais de instituições de fomento à pesquisa, dentre os quais, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Assim, a mina d'água foi descoberta num cenário de comunhão entre o conhecimento empírico e o científico.

Desde então, ela pôs-se a (re)conhecer atores que realizavam trabalhos semelhantes e tinham o anseio comum de formação da rede de agroecologia. Isso ocorreu, mais precisamente, em 2014, durante a oficina de Concertação, da Embrapa, quando foi estabelecida agenda coletiva do futuro e esforços para a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão das universidades. Como resultado da agenda de trabalho e em cumprimento às peculiaridades do edital 81/2013, a Unitas Agroecológica, juntamente com parceiros da sociedade civil e instituições governamentais, realizou o Curso de Agrobiodiversidade e Sistemas de Produção Familiar. Os participantes consideraram esse evento o marco na história da agroecologia tocantinense.

Foram cinco dias vividos numa imersão de saberes, fazeres, cores, sabores e artefatos concretizados em manifestações culturais, feira de sementes, debates sobre biodiversidade, agroecologia, agrobiodiversidade, direitos dos agricultores, organização social rural, êxodo rural, sentimento de pertencimento à terra, além de metodologias participativas. Também foram realizadas oficinas/estações sobre meliponicultura, banco de sementes, preparação de inseticidas naturais,

farmácia viva, preparação e manejo de Bokashi que proporcionaram trocas de conhecimentos e de experiências entre os participantes.

No curso de agrobiodiversidade, foi implantada a unidade demonstrativa de Sistema Agroflorestal (SAF), no CEULP, o primeiro no Estado do Tocantins, utilizando as técnicas de Ernest Göstch. A experiência nasceu das mãos de agricultores(as) familiares, indígenas, quilombolas, ribeirinhos, técnicos, professores e alunos. A ação foi coordenada pelo biólogo Juã Pereira, do Sítio Sementes, Brasília-DF.

A partir da agenda coletiva de trabalho, bem como do mapeamento realizado no curso, consolidou-se um grupo multidisciplinar de parceiros e atores, envolvendo a sociedade civil e instituições governamentais. As atividades passaram a ser conjuntas, comunicadas e divulgadas nos meios de comunicação pelo Núcleo, em seu site e nas redes sociais, criadas em 2015, para intensificar o processo de articulação.

Assim, o NEA Unitas e seus diversos parceiros e/ou atores sociais vêm contribuindo na construção de conhecimentos e integrando atores da agricultura familiar e agroecologia tocantinense.

EXPERIÊNCIAS DA UNITAS AGROECOLÓGICA

Ao folhear e procurar no dicionário Aurélio (2002) o significado da palavra experiência, tem-se como definição “o conhecimento adquirido por prática, estudos observações”. Mas, que conhecimentos são esses? No âmbito agroecológico, as experiências adquiridas com as vivências em comunidades perpassam o conhecimento teórico. Nesse sentido, foi o que constatou o estudo do termo “experiência” como palavra-chave para a psicologia feito por Amatuzzi (2007). Para o autor, o significado geral da palavra “se desdobra em duas direções: um conhecimento adquirido com a prática e a vivência emocional que é subjacente a esse conhecimento acumulado”.

Nessa perspectiva, a Unitas Agroecológica vem desempenhando suas experiências em agroecologia, não se preocupando somente com o conhecimento (teórico e prático) a adquirir, mas também com o poder emocional que as vivências têm proporcionado ao NEA e seus participantes.

A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão se consolidou em diferentes atividades realizadas, resultantes do dinamismo nos espaços, dentro e fora da universidade. Tal feito permitiu a troca de conhecimentos entre os atores e espaços, a fim de empoderá-los como parte do conhecimento agroecológico.

Nesse contexto, embora sejam várias as experiências que compõem a história do núcleo, considerando o eixo de sistematização utilizado, as experiências mais significativas, segundo as metodologias participativas, utilizadas durante o processo sistematização, bem como o método construtivista e participativo, são as seguintes:

1) Mapeamento Coletivo/Agenda estadual do futuro

Descrição: realizada durante a Oficina de Concertação na Embrapa, em 2014, a agenda do futuro teve como desafios: a) compartilhar conhecimentos (comunicação); b) elaborar um plano estadual de agroecologia; c) organizar rede de agroecologia; d) facilitar o processo de emissão de declaração de aptidão ao PRONAF (DAP) para os indígenas.

Resultados: criação dos canais de comunicação; mapeamento das experiências agroecológicas do TO; desenvolvimento de pesquisas em agroecologia e SAFs; realização de mais de 56 eventos em conjunto; concretização do encontro para a formação da rede em agroecologia do Tocantins, em 2015.

2) Curso agrobiodiversidade e sistemas de produção familiares

Descrição: realizado no mês de abril de 2015, o curso objetivou o mapeamento de ações locais direcionadas à inovação da agrobiodiversidade em sistemas de produção familiares no Tocantins. Além disso, promoveu a troca de saberes e fazeres a partir do diálogo horizontal.

Resultados: promoção do diálogo multidisciplinar em torno das temáticas do curso; criação de grupo de trabalho e mapeamento de ações conjuntas com os parceiros acerca dos sistemas de produção; implantação de unidade demonstrativa de SAF e realização da feira de troca de sementes. O evento, que durou cinco dias, atingiu diretamente cerca de 70 pessoas entre agricultores, técnicos, professores e estudantes.



Figura 1. Curso Agrobiodiversidade.

3) Sistema agroflorestal

Descrição: implantado durante a realização do Curso de Agrobiodiversidade, a unidade demonstrativa de SAF foi a primeira do Tocantins a utilizar a metodologia do pesquisador Ernest Göstch que é referência no Estado. A unidade está situada no campus do CEULP-ULBRA e conta com área de 600m², onde estão sendo cultivadas hortaliças, espécies nativas do Cerrado e frutíferas, plantas medicinais, tubérculos, espécies madeireiras, flores tropicais, adubos verdes e plantas alimentícias não convencionais. A experiência, que conta com presença diversa de insetos do bem e aves, é aberta para a visitação da comunidade.

Resultados: construção de unidade com princípios agroecológicos; promoção contínua da sensibilização e educação ambiental; criação de modelo referência para o Estado.

4) Biblioteca viva

Descrição: tradicionais, comuns, domésticas, caseiras, da paixão ou crioulas, todas sementes que foram melhoradas pelas mãos de agricultores e agricultoras, durante gerações, sem passar por laboratório. Assim foi criada a biblioteca viva da Unitas, um banco itinerante de sementes crioulas, composto por variedades oriundas de doações e de feiras de troca de sementes com agricultores, indígenas e quilombolas. O acervo de sementes é exposto e apresentado nos eventos do núcleo e de parceiros.

Resultados: por ser um banco itinerante, os resultados são contínuos, tais como a multiplicação e participação em feiras de troca de sementes, promoção do diálogo em torno das sementes, propagação do saber popular e da importância das sementes crioulas.

5) Farmácia viva

Descrição: instalada no “Terraquarium: centro de convivência e educação ambiental” do CEULP-ULBRA, a farmácia viva constituiu-se por meio de doações de mudas de plantas com propriedades medicinais. A identificação das plantas ocorreu por meio dos nomes vulgares, de conhecimento empírico, de registro fotográfico que estabelece inter-relação científica sobre o uso de plantas medicinais, utilizando material bibliográfico apropriado, como trabalhos científicos, cartilhas e internet. Atualmente, a farmácia viva é composta por 41 espécies, que totalizam 25 famílias. A unidade é aberta à visitação do público.

Resultados: multiplicação e doação de mudas; construção do saber fitoterápico a partir do diálogo; fusão do saber popular e do conhecimento científico; troca de mudas em feiras de sementes e propágulos.

6) Consolidação do grupo de parceiros/atores sociais do núcleo

Descrição: como continuidade da agenda do futuro, a consolidação do grupo de trabalho foi realizada durante o curso de agrobiodiversidade e sistema de produção familiar. O objetivo foi a realização de eventos conjuntos e de melhor difusão da solidariedade e organicidade entre os atores sociais.

Resultados: organização dos atores/parceiros sociais nas atividades/eventos em torno da agroecologia; empoderamento político-social dos envolvidos; inserção em assembleias, comissões, conselhos e espaços diversos (âmbito nacional e estadual) relacionados à agroecologia.

7) Vivências nas comunidades reassentadas pela Usina Hidrelétrica (UHE) Luís Eduardo Magalhães, no Estado do Tocantins, Mariana e Flor da Serra

Os reassentamentos, Mariana (localizado na zona rural de Palmas-TO) e Flor da Serra (localizado na zona rural de Porto Nacional-TO) são comunidades que foram atingidas pela Usina Hidrelétrica Luís Eduardo Magalhães no Estado do Tocantins ou Usina de Lajeado, como também é conhecida. O empreendimento foi o primeiro construído pela iniciativa privada, tendo suas atividades iniciadas em 1998 e, em 2000, 4477 famílias foram remanejadas das margens do rio Tocantins para outras localidades, sem maiores alternativas, perfazendo um total de 12 reassentamentos, distribuídos em todo o Estado. Desde 2008, o NEA Unitas tem realizado atividades de intervenção junto aos atingidos pela Usina de Lajeado, tais como:

a) Levantamento de bioindicadores

Descrição: o levantamento foi realizado no reassentamento Mariana, onde há práticas agroecológicas e, no entorno, há propriedades que ainda mantêm a maior parte de cobertura nativa, bem como no reassentamento Flor da Serra, onde os agricultores usam práticas convencionais de monocultura, sendo também circundado por outros cultivos semelhantes. Assim, para avaliar como essas práticas têm afetado o ambiente (fragmentação de habitats, uso de agrotóxicos, desmatamentos e queimadas) pôde-se fazer o uso de bioindicadores de qualidade ambiental. O trabalho, autorizado pelo Sistema de Autorização e Informações em Biodiversidade (SISBIO), consistiu na coleta de abelhas, em quatro diferentes ambientes existentes nos reassentamentos: vegetação ciliar, reserva legal, área de cultivo e área de pastagem.

Resultados: verificou-se que o reassentamento Mariana, no qual é feito manejo de cunho agroecológico, é portador de diversidade similar em áreas de produção e preservação. Assim, o presente trabalho mostra que técnicas agroecológicas beneficiam um grupo de organismos que, além de bioindicador, também é prestador de importante serviço ecossistêmico para a agricultura, qual seja, a polinização.

b) Projeto Árvore da Leitura

Descrição: a ferramenta da interdisciplinaridade envolve os sujeitos da educação no estabelecimento de relações e trocas de experiências, entre os diferentes saberes, contextos e culturas, tendo em vista o fortalecimento de conhecimentos e ações que promovem o diálogo e vivências entre campo e cidade. Nesse sentido, o projeto “Árvore da leitura” que faz parte do projeto “Agrobiodiversidade e Caracterização Ambiental dos Reassentamentos Rurais da Usina Hidrelétrica Luís Eduardo Magalhães, no Estado do Tocantins, no reassentamento Flor da Serra, no município de Porto Nacional – TO” desenvolve ações na Escola Municipal Carmencita Matos Maia. As atividades desenvolvidas com crianças focam na construção de identidade do campo, na valorização dos seus atores, além de trabalhar o sentimento de pertencimento a partir de currículo vivo e significativo do que se vivencia na comunidade e aprende na escola.

Resultados: as atividades de leitura e reflexões desenvolvidas pelo projeto sobre o meio ambiente, a história de luta dos reassentados, envolvendo a preservação e o cuidado que se deve ter pelo lugar onde se vive, provocaram a comunidade escolar a olhar para uma escola que seja, acima de tudo, lugar de formação e de transformação, com práticas que valorizem os saberes e as memórias culturais dos sujeitos locais. Sobretudo, no fortalecimento das raízes identitárias provenientes da relação desses atores com a terra, materializadas no currículo que estabelece diálogo entre comunidade e os processos educativos de forma contextualizada.

c) Caderno de manejo orgânico

Descrição: o caderno do plano de manejo orgânico, instrumento elaborado pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), orienta os produtores e técnicos quanto aos requisitos necessários para a certificação orgânica. Ele é dividido em quatro capítulos: produção vegetal; produção animal; extrativismo sustentável e produção processada. A demanda surgiu dos produtores dos reassentamentos, os quais desejavam a certificação para melhor valorização de seus produtos nas feiras livres das quais participam, mas que encontravam dificuldades no preenchimento do respectivo caderno. Assim, o levantamento alcançou todas as famílias dos reassentamentos e perdurou durante os meses de julho, agosto e setembro de 2016.

Resultados: diagnóstico das propriedades rurais dentro dos reassentamentos que ensejam passar pelo processo de transição e adequação à produção orgânica; levantamento de propriedades rurais que, embora não queiram produzir de forma orgânica, possuem práticas baseadas nos princípios agroecológicos; diagnóstico das dificuldades que distanciam o trabalho dos produtores frente às exigências da Lei nº 10.831/2003; bem como das dificuldades/compreensão das perguntas e/ou conceitos do caderno.

Reassentamento Mariana (Palmas-TO): Cinco famílias preencheram o caderno.

Flor da Serra (Porto Nacional-TO): Nove famílias preencheram o caderno.

d) Projeto: Os direitos em face do remanejamento compulsório dos reassentados rurais, impactados pela UHE Luís Eduardo Magalhães, no Estado do Tocantins

Descrição: atrelado à construção de empreendimento de tamanho potencial, como a UHE Luís Eduardo Magalhães, surgem problemas socioambientais, isto é, além da deterioração ambiental, há impactos sociais vinculados à mudança na vida de inúmeras famílias, de forma direta ou indireta. Nesse

sentido, o projeto teve por objetivo analisar os principais direitos atingidos em face do remanejamento compulsório dos reassentados rurais das comunidades Flor da Serra e Mariana.

Resultados: levantamento do perfil socioeconômico do qual originou relatório de pesquisa, bem como trabalho de conclusão de curso. Os resultados da pesquisa apontaram que as perdas ultrapassam os bens materiais, pois existem perdas imateriais, o sentimento de pertencimento local, as práticas sustentáveis realizadas e os laços afetivos comunitários. Assim, foram atingidos o direito à vida (em sentido amplo), direito à igualdade, à liberdade de reunião, à segurança e à propriedade (por equiparação aos ribeirinhos, pois estes não possuíam títulos dos imóveis). Desses direitos decorre o direito a um padrão digno de vida, de acordo com o modelo que eles tinham nos locais de origem, às margens do rio, o direito à informação e à participação na tomada de decisões.

8) Meios de comunicação para a propagação das experiências agroecológicas

Descrição: em respeito às exigências do edital 81/2013 e, considerando a necessidade de explorar melhor os recursos da comunicação, em 2015, a Unitas lançou o seu site, como também fanpage, perfil no facebook e canal no youtube. Nesses espaços, são socializadas notícias sobre o núcleo, matérias relacionadas à agroecologia, curiosidades e conhecimentos diversos, relacionados à missão e visão do núcleo.

Resultados: aumento quanto ao quantitativo de parceiros; interesse da sociedade tocantinense quanto aos trabalhos realizados; divulgação mais eficaz quanto aos eventos realizados; propagação do conhecimento agroecológico; troca de informações e socialização de experiências com pessoas do Brasil inteiro, pois o núcleo possui mais de 1.000 seguidores em suas redes sociais.

9) Caravana agroecológica e cultural do Tocantins

Descrição: como parte da articulação e implementação de práticas vinculadas aos princípios agroecológicos socializados, inspirados e coordenados pela Associação Brasileira de Agroecologia (ABA), por meio de Núcleos de Estudos de Agroecologia (NEAs), foi realizada a primeira Caravana Agroecológica e Cultural do Tocantins, no período de 22 a 27 de maio de 2017. A ação teve por objetivos trocar experiências, socializar saberes, culturas e, sobretudo, ouvir clamores e desafios de produtores da agricultura familiar.

Resultados: a caravana identificou oito experiências de agricultura familiar, distribuídas nos municípios de Caseara, Araguacema, Goianorte, Guaraí, Araguaína e Palmas. Entre os principais resultados destacam-se trocas de experiências, valorização do trabalho em mutirão, socialização de saberes e culturas, estabelecimento de desafios e propostas para mitigação dos principais anseios populares locais, elaboração de carta da caravana agroecológica e cultural do TO. Também foi possível pôr em prática a sistematização de vivências a partir da instalação artística pedagógica.



Figura 2. Caravana Agroecológica e Cultural do Tocantins.

10) Atividades de educação ambiental (EA)

a) Projeto Terraquarium: educação e meio ambiente

Descrição: iniciado em 2001, esse projeto tem contribuído na construção do conhecimento em educação e agroecologia, desenvolvido por meio de metodologias provocativas e participativas. Baseado na teoria sociointeracionista de Lev S. Vigotsky que considera a interação social entre o ser humano e o contexto sociocultural em uma relação dialética, da qual as experiências do sujeito são ressignificadas a ponto de contribuir com a transformação da realidade em que se vive. Nesse sentido, foram desenvolvidas atividades direcionadas especialmente para crianças e jovens de escolas privadas e públicas do município de Palmas, bem como de comunidades de reassentados da Usina Hidrelétrica Luiz Eduardo Magalhães. Os princípios e diretrizes norteadores para a educação em agroecologia mantiveram forte relação com as práticas e ações desenvolvidas a partir de 2014 pelo núcleo. É um trabalho permanente, contínuo e transversal. Várias são as atividades, entre as quais se destacam a elaboração do “boneco cuca verde” feito à base de serragem e sementes selecionadas de alpiste; trilha dos sentidos, com animais taxidermizados do Cerrado; plantio de mudas e sementes de hortaliças em canteiros e garrafas PET; plantio de mudas de espécies nativas; caminhada ecológica na vegetação do cerrado nativo; degustação de alimentos saudáveis; histórias contadas por agricultores; brincadeiras pedagógicas; vídeos educativos e pintura com terra a fim de o visitante expressar de maneira lúdica sua percepção do meio ambiente de forma espontânea.

Resultados: as ações desenvolvidas pelo projeto proporcionaram aos visitantes contato com o cerrado, onde são preservadas muitas espécies de árvores e pássaros, além de usufruírem de clima agradável, distinto do existente no entorno urbano. As vivências no Terraquarium proporcionaram momentos de pertencimento, de entrega ao convívio com a natureza. Tanto assim que, por algumas horas, os visitantes até se esqueceram do celular. Nas visitas de educação ambiental, as crianças observaram, experimentaram e estabeleceram relações com o mundo que desejamos construir. Sensibilizados, expressaram sentimentos de alegria por estarem em contato com a natureza e o desejo de compartilhar com os familiares, destacando a importância do cuidado e do respeito com o meio ambiente. Em linhas gerais, as atividades despertaram a necessidade de se ter consciência ambiental para a manutenção do equilíbrio planetário e da vida saudável.

b) Projeto adote uma árvore

Descrição: dentro das práticas do projeto “Terraquarium: educação e meio ambiente”, surgiu, em 2013, o projeto “adote uma árvore”. A iniciativa objetiva sensibilizar quanto ao meio ambiente, partindo do pressuposto da sua importância na garantia de um planeta com qualidade de vida para as futuras gerações. O trabalho é realizado através das doações de mudas e orientação para plantio, a fim de fomentar a participação prática em prol de ambiente saudável. As doações foram realizadas em parceria com a Fundação Municipal de Meio Ambiente (FMA) da Prefeitura de Palmas.

Resultados: as doações provocaram interação da comunidade acadêmica e o público visitante; incentivo da relação com a terra; promoção dos princípios da educação ambiental; propagação e valorização das plantas nativas do cerrado tocantinense. Conforme consta no livro de assinatura, 7.940 pessoas foram beneficiadas com a doação de mudas, conforme tabela 1.

Tabela 1. Quantitativo de mudas doadas

Ano	Quantidade (mudas)
2013	1.700
2014	1.540
2015	1.500
2016	1.700
2017	1.500
Total: 7.940	

c) Exposição itinerante de animais taxidermizados

Descrição: com o objetivo de sensibilizar a comunidade no que se refere à fauna do Cerrado tocantinense, a exposição itinerante de animais taxidermizados, desde o ano de 2013, tem provocado reflexões em crianças, jovens, adultos e idosos. Tão importante quanto falar da flora, é também direcionar o diálogo para os animais silvestres, dada à larga importância da vida selvagem para o meio ambiente. Então, promover debate é fundamental na disseminação do papel desses animais, como por exemplo, no estabelecimento do equilíbrio dos ecossistemas em geral, na dispersão de sementes pelas matas e florestas, tal como faz o lobo-guará, como também na cadeia alimentar. A beleza dos animais, conservados por muitos anos, por meio da taxidermia desperta nos participantes a curiosidade em ouvir a história de todos os animais, do tamanduá-mirim ao porco-espinho. A intenção do trabalho é, justamente, sensibilizar quanto à fauna do Cerrado, destacando-se que alguns dos animais taxidermizados foram vítimas da ação desenfreada humana, enquanto outros foram mortos por acidentes em rodovias, ou ainda, aqueles vitimados pelo tráfico ou que morreram no zoológico e/ou abrigo de animais.

Resultados: a sensibilização dos sujeitos; promoção dos princípios da educação ambiental e da própria agroecologia; disseminação e troca de conhecimento sobre a fauna do Cerrado e sua importância. Os resultados, de ações como essas, são obtidos ao longo do tempo. Todavia, do ponto de vista quantitativo, as exposições registraram um total de 2.598 participantes (Tabela 2), distribuídos entre crianças, jovens, adolescentes, adultos e idosos.

Tabela 2. Quantitativo de participantes da exposição.

Ano	Público Participante
2013	410
2014	820
2015	420
2016	660
2017	228
Total: 2.598	

CAMINHOS METODOLÓGICOS

Para iniciar a oficina, a roda estava formada. Dali brotou a nascente do rio da sistematização. O primeiro olhar d'água despontou-se impulsionado pelo poema "O canto da terra" de Cora Coralina. Daí em diante, os participantes se envolveram nos elos da metodologia participativa e ancoraram na abordagem histórico-dialética em que se fundamenta o processo de sistematização. Abordagem que foi capaz de abarcar significativas experiências vividas ao longo da caminhada dos atores presentes: agricultores, agricultoras, movimentos sociais, estudantes universitários, professores e parceiros. Era o momento de agir sobre a realidade, coletivamente: olhar para a ação, refletir sobre ela, reconstruí-la de maneira crítica a partir de práxis libertadora, conforme Freire (2009).

Para tanto, todos foram convidados a compartilhar saberes, refletir criticamente sobre as experiências e tomar decisões frente à realidade vivida e sentida, fruto do momento histórico em que está sendo produzida, tendo em vista a transformação social, principal objetivo da sistematização (HOLLIDAY, 2006).

Acolhida e apresentação

A dinâmica de apresentação ocorreu de maneira dialógica e participativa. Cada participante se apresentou a partir de um objeto que possuía ou encontrasse no espaço farto em sua decoração. Disse o nome, de onde veio e o porquê se identificava com aquele objeto. Dentre os presentes havia paraense, mineiro, paulista, tocantinenses, goianos, cearense, gaúchos, maranhense. Foi um momento de conhecimento e de partilha de motivos e causas, que unia o grupo do núcleo de agroecologia da Unitas. Com o espírito de união os objetos colocados no centro da roda de conversa se transformaram em um território transcultural cheio de energia, dando mais força no percurso das águas do rio do Tempo.

Rio do Tempo

Ainda na grande roda, o grupo de animação provocava os participantes a desaguarem suas memórias, as mais significativas, em relação à agroecologia no Estado do Tocantins. Então, ocorreu uma avalanche de relatos que marcaram a relação dos participantes com a agroecologia e as lembranças foram materializadas em tarjetas expostas no chão.

Inicialmente, uma antiga moradora destacou o marco histórico do desmembramento do norte goiano e a criação do estado do Tocantins, em 1988, e da capital, Palmas, em 1989. Outra pessoa falou do curso de olericultura na comunidade Matinha, em 1996. Um participante citou a formação e organização das mulheres extrativistas da região do Cantão e também a ampliação dos conhecimentos sobre a agroecologia. Alguém recordou o surgimento da Unitas e da Comissão de Produtos Orgânicos do Tocantins (CPOrg), que ajudaram na organização e realização de seminários, oficinas, organização dos agricultores e no fortalecimento da agroecologia no estado. Outra pessoa, ainda, ressaltou o envolvimento de mais atores na ampliação dos conhecimentos e suas contribuições nas discussões de nova forma de manejo da terra. Também foi lembrado o sistema de produção coletiva, as trocas de sementes crioulas, a criação de SAFs e do NEA, bem como o site para divulgação dos trabalhos. Foram enfatizadas as visitas em comunidades para compartilhar experiências e o combate ao agrotóxico por meio de palestras e seminários. Outro, ainda, chamou atenção para o curso de agrobiodiversidade e oficina de sistematização, dentre tantas outras memórias registradas e desaguadas no rio do tempo, dando visibilidade à agroecologia no Estado do Tocantins. Em seguida, os participantes foram convidados a trilhar o percurso do rio e, ao mesmo tempo, verem-se nele a partir da história contada.

Eixo de sistematização - definição de prioridades

As orientações de Holliday (2009) enfatizam a sistematização como forma de organizar as experiências vividas, ordená-las na escrita de maneira coerente, crítica, analítica e científica, olhando para a complexidade do grupo de pessoas de diferentes contextos e com histórias de vida diferentes. Essa foi uma tarefa difícil, uma vez que tudo parece prioridade e os participantes trazem no bojo das suas vivências, dificuldades e sonhos, que ali se juntaram com os mesmos desejos de superação.

Se sistematizar é contar história do tempo e das experiências vividas, ao mergulharem no rio do tempo, no registro das histórias, os participantes selecionaram aquelas que deveriam ser contadas no Congresso Brasileiro de Agroecologia- CBA e eixo da sistematização. A partir das provocações, os participantes identificaram suas prioridades acerca da agroecologia e, como eram muitas, em consenso, o grupo destacou: a importância de falar da agrobiodiversidade; contar história a partir das questões práticas; levantar princípios e questões norteadoras ao trabalho da Unitas (organização, resistência, persistência, união). Essas questões, segundo os participantes, fortalecerão a agroecologia no Estado e serão bandeiras de luta em torno de políticas públicas para atender suas necessidades no campo.

Avaliação

Antes de se envolver nas atividades culturais programadas, ao final do dia de intenso trabalho, o grupo se encontrou às margens do rio do tempo para avaliar os feitos, a fim de identificar as fragilidades da oficina, refletir sobre elas e fazer a tomada de decisão frente à organização, considerando que a avaliação deve ser uma prática norteadora do movimento social e é também termômetro para repensar práticas e posturas objetivando fortalecer a rede.

Para melhor envolvimento, foi realizada uma dinâmica participativa em que cada pessoa expressou e afixou em um varal o que foi bom naquele dia, como por exemplo, o conhecimento de novas pessoas, o compartilhamento de experiências, a participação de diversas instituições na oficina. Mas, o destaque foi para a metodologia participativa do Rio do Tempo.

Seguindo os passos da avaliação, o grupo destacou como 'pena', a pouca presença de jovens, agricultores (as) e dos movimentos sociais, pois havia mais técnicos, professores e acadêmicos do que os principais atores do campo agroecológico. Essas opiniões são registros importantes no processo de construção de consciência agroecológica. Elas ajudam a olhar para frente e propor sonhos, como foi sugerido: realizar mais dinâmicas entre uma atividade e outra para evitar a dispersão; refletir sobre a sistematização; encontrar-se no CBA; levar mais agricultores para a caravana; proporcionar momentos de resgate cultural das comunidades presentes; realizar maior troca de experiências entre as pessoas e articulação entre os atores sociais. Por fim, para homenagear os jovens, Ismael Gomes Boaventura, do reassentamento Flor da Serra, leu um poema sobre juventude.

As atividades do segundo dia iniciaram-se com uma pintura coletiva para a qual foram utilizados solos de diversas regiões do município de Palmas e de algumas regiões do Brasil com diferentes cores. Cada participante expressou, por meio do desenho, seu sentimento pela terra; suas dificuldades quanto à consciência de gênero; expuseram clamores por políticas públicas; e relataram seus sonhos e esperança para que haja justiça quanto ao uso da terra. Assim, criou-se uma teia na diversidade da sistematização. A finalidade desse trabalho era representar o eixo da sistematização escolhido para o NEA Unitas.

Matriz da sistematização

O Rio do Tempo continuava seu percurso e inspirava olhar coletivo para as histórias já contadas e tantas outras que a cada momento brotavam entre um e outro. Como a história da comunidade Matinha, das mulheres extrativistas da região do Cantão e tantas outras histórias de lutas. Também aquelas silenciadas pela monocultura que apropria dos territórios de grupos de agroecologia e de agricultura familiar e fortalece os interesses do sistema capitalista.

Com esse olhar na realidade e a reflexão sobre a ferramenta disparadora de reflexões, dela priorizaram-se três eixos da matriz de sistematização para que as pessoas fizessem um exercício coletivo de como utilizar a ferramenta. Com base nas experiências significativas e nas reflexões provocadas por estas, os eixos; processos educativos, agrobiodiversidade, equipes/atores/parcerias foram os escolhidos para a sistematização, em razão de terem sido as experiências de formação mais marcantes no Rio do Tempo. Cada grupo se responsabilizou pela discussão de um dos temas priorizados da matriz da sistematização. Esse foi um dos momentos mais difíceis, pois dependia da compreensão da ferramenta e sequência da discussão do tema. Nos três eixos priorizados, os participantes teriam que focar os temas gerais/transversais, os princípios, a indissociabilidade e a inter/transdisciplinaridade, o território, os resultados, as avaliações e os impactos, a comunicação, a cultura e as teorias.

Plano de sistematização

Em mais uma dinâmica, o grupo se reuniu para focar o olhar nos futuros passos da agroecologia no estado. Planejar é uma etapa da sistematização fundamental na perspectiva de realizar projetos, plantio e eventos. Nesse intuito, as pessoas preencheram coletivamente a matriz do plano de sistematização: quem, quando e como vamos contar a história do NEA Unitas.

Convidados para o café com prosa, os participantes se reuniram em três grupos, que contribuíram paralelamente para as três questões, uma em cada grupo. Ao ser desafiado para discutir quem poderia contar essa história e como mobilizá-los, o primeiro grupo destacou a Unitas e parceiros como contadores das experiências e necessidade da interligação do processo de comunicação em rede para articular e mobilizar os sujeitos.

Entre a prosa e o café, pausa para o arranjo musical entoado pelas vozes dos agricultores e agricultoras das comunidades Flor da Serra, Mariana e Matinha. Na sequência, o segundo grupo focou nos materiais para contar a história e como reuni-los, indo além, ao pensar tanto no espaço físico do Congresso Brasileiro de Agroecologia, em 2017, como também nos materiais teóricos e metodológicos,

elencando ferramentas de trabalho da agricultura familiar, artesanatos, listas de presença, depoimentos, relatórios, vídeos, livros, cartilhas, folder e site.

Pensar e refletir sobre as experiências do Rio do Tempo. Essa foi a atmosfera do terceiro grupo, que entre tantos outros apontamentos, evidenciou a importância do fortalecimento do saber popular, da união entre técnicos e agricultores, igualdade de conhecimento em diferentes sujeitos e reforço das relações com os parceiros.

A importância do planejamento e da mobilização dos sujeitos para o processo de sistematização foi discutida pelo coletivo. Além disso, planos e sugestões foram traçados para o futuro, como a realização da primeira Caravana Agroecológica e Cultural do Tocantins.

REFLEXÕES

O processo de sistematização foi um despertar no presente para construir o futuro, a partir dos diálogos em torno do passado. Revirar o baú das lembranças, reencontrar as experiências construídas ao longo do tempo e sistematizá-las proporcionou ao núcleo não apenas (re)conhecer a sua história, mas também, repensá-la.

Ao se ver como rio de informações e vivências, o NEA Unitas notou a importância dos seus afluentes, como os parceiros e, sobretudo, a participação de agricultores(as). O estabelecimento e fortalecimento desses afluentes foram primordiais para a ampliação e realização das experiências agroecológicas no Tocantins, bem como para a própria institucionalização do núcleo dentro do CEULP-ULBRA. Afinal, como bem frisou Vygotsky (2002): “na ausência do outro, o homem não se constrói homem”.

Já no emaranhado de lembranças extraídas do baú da memória, os atores suscitaram pontos positivos, os quais terão continuidade no futuro, como as metodologias que são baseadas nos métodos construtivista e participativo. Elas possibilitam a atuação multidisciplinar de estudantes e profissionais de diferentes áreas do conhecimento na propagação e ampliação de práticas e diálogos em torno da agrobiodiversidade e seus bens naturais.

Os processos educativos denotam que o “aprender a aprender” é constante. O diálogo e a troca de saberes, como princípios metodológicos, possibilitaram a promoção da educação ambiental de forma mais abrangente e completa, substanciada nos princípios da educação em agroecologia, ou seja, vida, diversidade, complexidade e transformação.

A ampliação do processo de comunicação com a divulgação de práticas e resultados agroecológicos no site da Unitas e em suas redes sociais tem-se apresentado como meio educativo eficiente, demonstrando que incumbe também aos núcleos de agroecologia a inovação e uso das tecnologias para a disseminação do conhecimento.

Porém, no contexto geral, em que podemos melhorar? O aperfeiçoamento é constante e, por isso, o núcleo sente, como anseio a partir dessa reflexão, a necessidade da discussão de gênero para maior fortalecimento das ações para o empoderamento das mulheres agricultoras e extrativistas tocantinenses. Além de aperfeiçoamento das ferramentas de capacitação da juventude das comunidades para evitar o êxodo rural, bem como a promoção de diálogo em torno das questões da saúde física, psíquica e emocional.

É preciso, ainda, buscar meios para fortalecer a organização social das comunidades rurais reassentadas que é o principal gargalo do núcleo. Ademais, é necessária a ampliação das práticas agroecológicas dentro e fora das comunidades, como também a criação de banco de sementes comunitário para intensificação dos intercâmbios e valorização do saber popular. Outro anseio diz respeito aos mecanismos para salvaguardar o direito do pequeno agricultor ser guardião de suas sementes, bem como ter sobre elas autonomia, nos termos do Decreto 6.476/2008.

As pesquisas científicas realizadas pelo núcleo e parceiros, especialmente por provocar a fusão do saber popular com o acadêmico, buscaram, dentro de cada experiência, o estabelecimento da

indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Todavia, como será a continuidade das pesquisas, ações e experiências? Eis aqui a importância das políticas públicas relacionadas à agroecologia, porém, na atual conjuntura política e social do país, elas estão cada vez mais limitadas e enfraquecidas, colocando em risco a continuidade e o desenvolvimento das práticas que promovem o conhecimento agroecológico, não somente dos núcleos de estudo em agroecologia, mas também, dos agricultores(as) familiares, extrativistas, reassentados(as), assentados(as) da reforma agrária, indígenas, quilombolas, movimento sociais e de todos aqueles que participam dessa luta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre as lições mais relevantes, suscitadas durante o processo de sistematização, tem-se o desafio de o núcleo se enxergar sob diferentes olhares, considerando a diversidade dos atores sociais e a importância das metodologias participativas para a construção do conhecimento. Além disso, é preciso refletir sobre a essencialidade da equipe multidisciplinar e da atuação dos parceiros na articulação das experiências em agroecologia no Tocantins.

No que se refere aos aprendizados, destaca-se a indispensabilidade de se enxergar no uso de elementos que representam os povos e comunidades tradicionais, a sociobiodiversidade, a diversidade cultural e os sistemas agrícolas. Ademais, o respeito às diferenças e manifestos, pois no conjunto tudo isso se soma.

Frente aos possíveis caminhos para a superação dos desafios e gargalos, nota-se a imprescindibilidade de políticas públicas para a continuidade e ampliação das experiências a partir de metodologias baseadas nos métodos construtivista e participativo. O fortalecimento, a expansão das parcerias e formação de rede de agroecologia no Estado são mecanismos capazes de direcionar novas ações nas diferentes dimensões, tais como gênero, juventude, saúde, diversidade e etnicidade. Vale ressaltar que o apoio das instituições públicas e da sociedade civil foi fundamental na realização das ações/experiências agroecológicas que contemplam os processos educativos, as metodologias de participação, agrobiodiversidade e seus bens naturais.

AGRADECIMENTOS

Registramos os nossos agradecimentos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq); ao Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP-ULBRA); ao Reassentamento Mariana, ao Reassentamento Flor da Serra; à Comunidade Matinha; às Mulheres Agroextrativistas da APA Cantão; à Comunidade de Saúde, Desenvolvimento e Educação (ComSaúde); ao Instituto Mangaba; ao Instituto Zerbin; à Escola Família Agrícola de Porto Nacional; à Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA); à Superintendência Federal do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento do Tocantins (SFA/TO); à Secretaria Especial de Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Agrário (SEAD); Ministério Público Federal do Tocantins; à Comissão de Produtos Orgânicos do Tocantins (CPOrg/TO); ao Instituto de Desenvolvimento Rural do Estado do Tocantins (RURALTINS); à Secretaria do Desenvolvimento da Agricultura e Pecuária (SEAGRO); à Secretaria de Desenvolvimento Rural (SEDER); à Universidade Federal do Tocantins (UFT) e à Fundação Universidade do Tocantins (UNITINS). Gratidão à equipe do Projeto de Sistematização de Experiências dos Núcleos de Agroecologia e à Associação Brasileira de Agroecologia (ABA), pelo apoio e oportunidade.

REFERÊNCIAS

- AMATUZZI, M. **Experiência**: um termo chave para a Psicologia. Memorandum, v. 13, p. 08-15, 2007. Disponível em <<http://www.fafich.ufmg.br/memorandum/a13/01Amatuzzi.pdf>>. Acesso em 17 de julho de 2017.
- AURELIO. **O minidicionário da língua portuguesa**. 8a edição revista e ampliada do minidicionário Aurélio. Rio de Janeiro: 2002.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 48ª. reimpressão. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.
- HOLLIDAY, O. J. **Para sistematizar experiências - Ministério do Meio Ambiente**. Disponível em: www.mma.gov.br/estruturas/168/_publicacao/168_publicacao30012009115508.pdf. Acesso em 20 jul/2017.
- VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.